

ANCESTRALIDADE E IDENTIDADE EM “OLHOS D’ÁGUA” DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Eduardo Souza Ponce¹
Maria Carolina de Godoy²

Resumo: O presente trabalho objetivou, partindo das discussões desenvolvidas no projeto de pesquisa “Literatura afro-brasileira e a sua divulgação em rede”, o estudo da ancestralidade e a sua relação com a identidade no conto “Olhos d’água” de Conceição Evaristo. Utilizando-se dos postulados teóricos organizados por Eduardo de Assis Duarte (2011) acerca do conceito e da definição de literatura afro-brasileira e de Stuart Hall (2005) no que diz respeito às relações identitárias, buscou-se verificar como o conto apresenta a necessidade de reatar o elo com a ancestralidade, a hereditariedade e a busca pela identidade, representadas pela imagem dos olhos. Observou-se, por meio da recorrência dos olhos e seus desdobramentos, como a autora incorpora poeticidade à narrativa.

Palavras-chave: narrativa; afrodescendência; identidade.

Introdução

Resultado das discussões desenvolvidas no projeto de pesquisa “Literatura Afro-Brasileira e a sua divulgação em rede”³, o presente trabalho objetiva apresentar uma leitura do conto “Olhos d’água” de Conceição Evaristo destacando como se dá a representação da identidade negra e da ancestralidade. Utilizando-se dos postulados teóricos organizados por Eduardo de Assis Duarte (2011) em “Por um conceito de Literatura Afro-Brasileira” e dos estudos de Stuart Hall (2003) acerca da identidade cultural, propôs-se, na análise, contemplar de que forma a autora incorpora as questões identitárias e referentes à busca pela ancestralidade e de que maneira utiliza-se dessas temáticas para conferir poeticidade ao texto literário.

Parte-se de uma síntese da fundamentação teórica e de uma breve apresentação da

¹ Aluno de graduação do curso de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina iniciado pela Profa. Dra. Maria Carolina de Godoy. E-mail: duds_ponce89@hotmail.com

² Professora Doutora da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: mcdegodoy@uol.com.br

³ Projeto de pesquisa coordenado pela Profa. Dra. Maria Carolina de Godoy, financiado pelo CNPq e pela Fundação Araucária.

autora para o estudo do conto.

Literatura Afro-Brasileira: um conceito em construção

Eduardo de Assis Duarte (2011) apresenta que embora *Literatura Afro-Brasileira* seja um termo ainda em construção, o século XXI marca a sua consolidação no espaço acadêmico, assim como um período rico em descobertas e de grande produção. Ainda segundo o autor, seria ingenuidade afirmar que a Literatura Afro-Brasileira é recente. Iniciada desde o século XVIII com Domingos Caldas Barbosa, estende-se tanto pelos grandes centros quanto pelas literaturas regionais, e alcança a consolidação com a publicação da série *Cadernos Negros* pelo grupo Quilomboje. Outro fator que impulsiona o interesse de estudo dessa literatura dá-se pela instituição da Lei nº 10639/2003, que obriga as instituições de ensino, oficiais ou não, a incluírem no currículo história e cultura afro-brasileira.

Entende-se, inicialmente, por Literatura Afro-Brasileira, a produção literária

[...] desenvolvida por um autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro (LOBO apud DUARTE, p. 377, 2011).

Tal concepção é completada por Eduardo de Assis Duarte (2011) ao elencar alguns denominadores que distinguiriam a Literatura Afro-Brasileira da literatura que retrata o negro como personagem estereotipada. Para o autor, a obra deverá apresentar

[...] uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepcional; mas, sobretudo, um ponto de vista ou lugar de enunciação política e culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo (DUARTE, 2011, p. 385).

Acerca dos denominadores apresentados pelo autor, destaca-se, para o estudo do conto de Conceição Evaristo, os conceitos de: “voz autoral afrodescendente”, relevante quanto à interação *experiência* e *escritura*, destacada por inúmeros autores no tocante ao compromisso identitário e no que se refere à formação de artista das palavras; “temas afro-brasileiros”, ou

seja, a inserção de temáticas ligadas à afrodescendência, sejam elas sociais, culturais ou artísticas; “um ponto de vista ou lugar de enunciação política e culturalmente identificado à afrodescendência”, além da temática, o ponto de vista refere-se a uma perspectiva identificada à história e à cultura afro-brasileiras, abrangendo, dessa forma, problemas inerentes às condições enfrentadas por essa parcela da população (DUARTE, 2011).

Conceição Evaristo

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, no dia 29 de novembro de 1946, graduou-se em Letras – Português e Literatura pela universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Estreou na literatura em 1990, no volume 13 da série *Cadernos Negros*, publicando seis poemas, entre os quais o já célebre “Vozes-Mulheres”. Em 2003 publicou seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio*. A autora marca as suas obras pelo tratamento dado aos dramas individuais e coletivos. Herdeira de forte herança cultural afro, Conceição Evaristo apresenta em seus textos a busca e a valorização da ancestralidade africana, voltando-se para a construção de uma nova imagem do povo negro que se opõe aos estereótipos. Em sua produção, procura evidenciar as dificuldades, as lutas e as resistências sofridas pelos negros, como aponta a apresentação da autora realizada por Maria Consuelo Cunha Campos e Eduardo de Assis Duarte (2011).

“Olhos D’água”

Pela perspectiva da narradora-personagem, o conto narra o questionamento acerca da cor dos olhos de sua mãe. A dúvida, que surge acompanhada por lembranças da infância, ganha tom acusatório e a leva a retornar à cidade natal e encarar a figura materna, lançar seu olhar no dela para descobrir a cor de seus olhos. Por meio desse questionamento, Conceição Evaristo convida o leitor a adentrar nas memórias da narradora, conhecer a sua infância e, junto dela, reviver momentos marcados pelas dificuldades e privações de uma vida permeada

pela pobreza e se encantar pela figura materna que protege, acalenta e encanta, até mesmo nos momentos mais angustiantes, fazendo da necessidade sua força motriz para tornar a vida das filhas menos dolorosa.

Pensando nos pressupostos organizados por Eduardo de Assis Duarte (2011), verifica-se a presença, em especial, dos denominadores destacadas anteriormente: voz autoral, temática e ponto de vista.

Relaciona-se, ao se pensar no conto, a voz autoral com o conceito de *escrevivência*, que, segundo Conceição Evaristo, trata-se da “[...] escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil” (EVARISTO, 2007, p. 20). A conversão de experiências em uma obra literária que represente não apenas o negro enquanto objeto de estudo, pensando aqui nas personagens estereotipadas recorrentes na literatura aceita pelo cânone, mas que dê conta de retratar o que é, de fato, ser negro no Brasil, por meio da construção de personagens que se apresentem como “[...] universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre essa literatura.” (IANNI, 2011, p. 185). Ao se lembrar e narrar suas lembranças, a narradora-personagem de “Olhos d’água” evoca as experiências que marcaram sua infância e, neste jogo de recordações, acaba por (con)fundir suas próprias memórias com as lembranças de sua mãe:

[...] Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento (EVARISTO, 2010, p. 172).

No fragmento acima, memórias se fundem e um tema presente na vida da narradora vem à tona: a fome. Assumir essa fusão de lembranças é como aceitar uma carga hereditária. Recorrente na prosa de Conceição Evaristo⁴, a hereditariedade que ecoa na geração seguinte revela-se um traço forte no que diz respeito à ancestralidade, como um elo estabelecido entre passado e futuro que se concretizará no desfecho do conto, quando em frente à filha, a narradora brinca de buscar, uma na outra, a verdadeira cor de seus olhos:

⁴Justifica-se esta afirmação, a presença do tema nos romances *Ponciá Vicêncio* (EVARISTO, 2003) e *Becos da Memória* (EVARISTO, 2013). No primeiro, a personagem Ponciá herda de seu avô cacoetes e também a sua “loucura”, no segundo, a personagem Maria-Nova revive as experiências das histórias que ouve e assume a tarefa de contar e de perpetuar as memórias de seu povo.

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma são o espelho dos olhos da outra. É um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente o meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho como se fosse uma pergunta que para ela mesma, ou como estivesse buscando ou encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei quando, sussurrando, minha filha falou:

_Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos? (EVARISTO, 2011, p. 174-175).

A ancestralidade ligada à voz autoral também se manifesta no ato de se recordar das mulheres de sua família e de suas ancestrais desde a África:

Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias (EVARISTO, 2010, p. 173-174).

Reconhecer essas mulheres e a importância delas em sua formação é reconhecer a si mesma, e também redescobrir-se. Mais do que prestar homenagem a essas mulheres, essas recordações revelam a busca pela própria identidade. Nesse contexto, pode-se pensar na questão identitária partindo de Hall (2005), dessa forma, distante da terra natal de suas ancestrais, a narradora encontra-se no que o autor define como tradução. Para ele, esse

[...] conceito descreve aquelas formações de identidades que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. (...) Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias pelas quais foram marcadas (HALL, 2005, p. 88-89).

Distante dos referenciais identitários, as mulheres presentes em sua infância – e na memória, pensando nas ancestrais ainda em África –, a narradora precisa descobrir a cor dos

olhos de sua mãe, pois, somente dessa forma, conseguirá enxergar a si mesma. Entende-se aqui a indagação acerca da cor dos olhos da mãe como uma forma de voltar às origens e buscar uma identidade perdida, ou desconstruída, pelo afastamento de suas raízes. O tom acusatório com a qual a indagação vai se contornando ao longo do conto confirma a perda de identidade e a necessidade de reencontrá-la ou reconstruí-la. Mesmo que algumas lembranças da infância estejam nítidas e presentes para a narradora, a cor dos olhos que escapa de suas lembranças permite pensar nessa fragmentação identitária. Símbolo da percepção intelectual, como aponta Chevalier (2012, p. 653), a imagem do olho é permeada por mistério e atribuições místicas, dentre elas destacam-se as concepções de janela para o mundo e espelho para alma (LURKER, 2003, p. 497). Neste aspecto, pensar nos olhos, e na dúvida sobre eles, é pensar na maneira como a narradora enxerga o mundo e a si mesma, e os questionamentos que percorrem este olhar. Confirma-se esta hipótese de leitura a comparação que a narradora estabelece entre o seu retorno para casa e um ritual aos orixás: “Vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser a descoberta da cor dos olhos de minha mãe” (EVARISTO, 2010, p. 174). Ao estabelecer a comparação, a narradora destaca e reafirma a importância da descoberta, deixa de ser uma dúvida e torna-se uma necessidade, uma obrigação a ser cumprida.

Diretamente ligada à voz autoral, a temática presente no conto dialoga com a identidade negra e com a ancestralidade utilizando-se da imagem dos olhos para simbolizar esta união estabelecida entre passado, presente e futuro, que perpassa desde a avó até a neta.

A perspectiva, ou “ponto de vista” - como propõe Eduardo de Assis Duarte (2011) -, presente no conto, percorre desde a face histórica, por meio do retorno à mãe e às referências à África e à sabedoria das Yabás, até a cultural e religiosa, por meio das referências aos orixás, abarcando, neste percurso, o aspecto social do ser negro no Brasil. As privações pelas quais passam a narradora, suas irmãs e sua mãe, durante a infância, sintetizam e representam as dificuldades enfrentadas por essa parcela da população.

Sobre a presença de poeticidade no conto, pode-se pensar na relação da imagem com a poeticidade no texto literário, o que remete a Octávio Paz (2012), para quem a palavra poética é

[...] plenamente o que é – ritmo, cor, significado – e, também, é outra coisa: imagem. A poesia transforma a pedra, a cor, a palavra e o som em imagens. E essa segunda característica, ser imagens, e o estranho poder que elas têm de suscitar no ouvinte ou no espectador constelações de imagens, fazem de todas as obras de arte poemas (p. 31).

Entendendo por poeticidade a presença dessa imagem que se fortalece a cada repetição e que suscita na narradora suas recordações, e no leitor a possibilidade de adentrar nessas memórias, verifica-se, por meio da recorrência da indagação “de que cor eram os olhos de minha mãe?” (p. 171), que a autora fixa a imagem dos olhos como eixo da narrativa. Presente desde o título, “Olhos d’água”, a repetição da imagem sempre traz consigo uma nova caracterização, seja da mãe ou da própria narradora. A cada repetição da indagação, uma nova lembrança emerge das memórias da narradora, desde um momento da infância em que a miséria leva a mãe a inventar jogos para distrair a fome das filhas a lembranças em que os traços da mãe são trazidos à tona com minúcia de detalhes, não deixando escapar nem uma verruga escondida sob seus cabelos ou uma unha encravada do dedinho do pé. Dessa forma, adjetivando e enriquecendo a carga de significação dessa imagem, Conceição Evaristo faz dos olhos, e conseqüentemente da insistente pergunta, uma presentificação da poeticidade em sua prosa.

Considerações Finais

Objetivou-se apresentar uma possibilidade de leitura de “Olhos d’água” de Conceição Evaristo que contemplasse, além dos pressupostos teóricos acerca da Literatura Afro-Brasileira, o estudo da identidade, da ancestralidade e a presença da poeticidade no texto. Ao buscar no conto tais elementos, pôde-se verificar que, desde o título, a autora utiliza-se da imagem dos olhos para fixar um centro de poeticidade e significação para o conto. É por meio dessa imagem que se desperta, na narradora, as lembranças que remontam sua infância como um belo e doloroso quebra-cabeças. Assim, emerge a necessidade de se reencontrar com a sua mãe, logo, com as suas origens. Utilizando-se da imagem dos olhos, Conceição Evaristo traz à tona questões de ordem social, cultural e religiosa, relacionadas à miséria em que a narradora se encontra na infância e pensando em sua relação com os orixás e com as Yabás ainda em

África. Dessa forma, a autora insere voz autoral, temática e ponto de vista sem abrir mão do trabalho estético em seu texto, fugindo do teor “panfletário”.

Referências

- CAMPOS, Maria Consuelo Cunha; DUARTE, Eduardo de Assis. “Conceição Evaristo”. In: DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 207-226.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Minas Gerais: UFMG, 2011.
- EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.
- _____. **escrita**. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Representações performáticas brasileiras: teóricas, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.
- _____. “Olhos d’água”. In: Pallas Editora (Org.). **Contos do mar sem fim: antologia afro-brasileira**. RIO DE JANEIRO: Pallas, 2010.
- _____. **Becos da Memória**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.
- IANNI, Octávio. “Literatura e consciência” In: DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- OLHO. In: CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, números**. Trad. De Vera da Costa e Silva et al. 26 ed. Rio de Janeiro: Olympio, 2012. p. 393-396.
- OLHO. In: LURKER, Manfred. **Dicionário de Simbologia**. Trad. Mario Krauss, Vera Barkow. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 653-656.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomáz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. Trad. Ari Roitman e Paulina Watch. São Paulo: Cosac Naify, 2012.